

Recado do Eleitor

Sobre os números ainda quentes das urnas, a primeira conclusão é a de que o brasileiro votou contra tudo que atravança o seu caminho. Não há outra coerência que não seja esse sentido de protesto generalizado. Não é nada pessoal, mas inequivocamente política a explicação para o que sai das urnas. A coerência está na própria contradição aparente, porque o voto contra explica o que não se exprimiu em palavras por parte dos candidatos.

Desta vez, ficou definitivamente claro que a depreciação política não poupou alianças eleitorais: o eleitor conquistou uma independência saudável. Votou a partir de observações que não ressalvam qualquer partido, legenda ou tendência política envolvida em combinações que terminam nas urnas. Não se percebe mais vestígio desse padrão que o eleitor entende como uma escamoteação para enganá-lo. Todos esses expedientes feitos em nome da política não passaram de tapeação. O poder nunca mudou de mãos porque, por trás das aparências, tudo continuava a ser manipulado como sempre foi, pelos mesmos beneficiários. Tudo nunca passou de um revezamento.

O voto para mudar assumiu, agora, o sentido predatório que abateu os dois maiores partidos que simulavam um compromisso de mudanças: o PMDB e o PFL saem arrasados da sucessão presidencial. O condomínio do poder, denominado Nova República, nada mais foi do que a escamoteação do compromisso de mudanças. O PMDB passou quatro anos no governo e ainda pretendeu apresentar-se como oposição. Não conseguiu retirar ministros que continuam a figurar no governo em nome do partido, que não conseguiu ao menos expulsá-los. Nunca se viu igual.

O voto foi demonstração de protesto contra tudo que está errado, para que os políticos entendam o desejo de mudança. Privilégios de grupos ou de qualquer parcela da sociedade são inaceitáveis. As urnas passaram a exprimir o sentimento de repulsa à prática de vantagens e ao exercício da desigualdade de direitos e deveres. Foi tudo de cambulhada no protesto que não tem endereço

único: o destinatário não declarado são os políticos e governantes.

O recado das urnas foi claro: uma sociedade que beneficia 30 milhões de cidadãos, ao ser submetida ao voto de 82 milhões de eleitores, teria fatalmente de oferecer o resultado que se desenha nos números. O que há de errado não é, entretanto, o alto número de eleitores mas a baixa quantidade de consumidores. O país marginaliza não quer fornecer mão de obra para edificar um regime com duas categorias de cidadãos. Por via das urnas, começa a demolição dos privilégios sociais e econômicos. O protesto tanto é contra a falta de escolas e de hospitais para os que não podem pagar para ter educação e saúde, como dirigido à escandalosa reserva de mercado para algumas atividades produtivas, ao protecionismo fiscal e aos subsídios que reverterem em vantagens anti-sociais.

O eleitor sacudiu a tutela política e provou o gosto da liberdade. A demonstração foi informal mas clara. O brasileiro quer exercer o direito de escolher e não mais de ter as escolhas feitas em seu nome, em tudo que diz respeito à cidadania: candidaturas, governantes, representantes, opções econômicas. A sociedade tem que reduzir as taxas de privilégios que são socialmente injustos. Tudo que a política se propôs a garantir falhou. O primeiro uso da liberdade foi a demonstração através do voto na eleição presidencial. Começou a ruptura com a herança de incompetência.

Começou, apenas. Os políticos ainda não viram tudo que os espera. Nas eleições do próximo ano os eleitores terão mais a dizer à outra leva que também repetiu a incompetência, e não cumpriu a palavra empenhada. Nada mudou, nem mesmo a indiferença pelos cidadãos. Ainda há muito a resgatar. O segundo turno vai decifrar mais claramente o sentido do protesto, que engloba os burocratas, os pedantes e presunçosos tecnocratas, que esvoaçam em torno do poder como um enxame de moscas sobre restos de comida. Os mesmos 82 milhões de eleitores vão dizer que não admitem a reserva de mercado para 30 milhões de consumidores. Ninguém deve se meter numa questão que está para ser decidida entre os candidatos e os eleitores, que falam pelo voto.